d+i desenvolvendo ideias
LLORENTE & CUENCA

» Hipervulneráveis. Tendências globais do risco para 2018

Madrid » 02 » 2018

Em 2018, o mundo continuará a percorrer um caminho difícil e perigoso, cada vez mais próximo de um abismo global. Um precipício do qual não estivemos tão próximos desde os anos mais críticos da Guerra Fria. No entanto, fazemo-lo agora imersos num contexto muito diferente. É provável que — os atores responsáveis por estas ameaças sejam semelhantes, tendo sido o contexto a alterar-se. As alterações climáticas, a Internet e o ciberespaço vieram condicionar uma boa parte das ameaças, criando um novo paradigma. Tal como acontece todos os anos por esta altura, coincidindo com o Fórum Económico Mundial, em Davos, foi publicada a matriz de riscos *Global Risks Landscape 2018*. Baseamo-nos neste relatório de renome para expor as tendências globais do risco.

Neste momento, não encontramos neste estudo elementos que causem surpresa. Encontramos antes uma consolidação das ameaças globais já conhecidas. Se tivermos em conta o impacte das ameaças, teremos, nas primeiras posições (tal como em 2017), as armas de destruição massiva e os fenómenos meteorológicos extremos. Seguem-se os desastres naturais, os erros relacionados com a adaptação às alterações climáticas e a crise da água.

Contudo, se tivermos em conta a perceção da probabilidade, os eventos extremos relacionados com a meteorologia continuam a ocupar o primeiro lugar. Seguem-se a estes: desastres naturais, ciberataques, fraudes com dados grande escala e erros relacionados com a adaptação às alterações climáticas. Ou seja, as ameaças relacionadas com o meio ambiente e os elementos tecnológicos são as mais prováveis.

Centremo-nos agora nas ameaças mais prováveis de acontecer no ano recém-iniciado.

UM PLANETA À BEIRA DO PRECIPÍCIO ECOLÓGICO

Se olharmos rapidamente para a matriz de riscos *Global Risks Landscape 2018* do Fórum Económico Mundial, poderemos observar que todos os riscos relacionados com eventos climáticos extremos, o aumento de temperatura, a contaminação e afins se encontram na zona de maior probabilidade e maior impacte.

Não obstante, o verdadeiro desafio sistémico reside na profundidade da interligação que existe tanto entre estes riscos ambientais quanto entre riscos de outras categorias, tais como as crises da água e da migração involuntária.

Os eventos climáticos extremos de 2017 incluíram furacões atlânticos com uma frequência fora do habitual. Estes incidentes extremos dão continuidade à tendência das últimas décadas para a ocorrência

de eventos climáticos com consequências cada vez mais dispendiosas. Dos dez desastres naturais que causaram o maior número de mortos no primeiro semestre de 2017, oito envolveram deslizamentos de terra ou derrames. As tempestades e outras ameaças relacionadas com o clima foram também a principal causa de deslocações, com os últimos dados a mostrarem que 76% dos 31,1 milhões de pessoas deslocadas durante 2016 foram obrigadas a abandonar as suas casas em consequência de eventos relacionados com o clima.

No ano passado, vimos também inúmeros casos de temperaturas extremas. Nos primeiros meses de 2017, as temperaturas foram de 1,1 ˚C acima dos níveis da temperatura da era pré-industrial. Em média, as alterações estão a dar azo a extremos localizados: durante 2017, registaram-se temperaturas recorde um pouco por todo o planeta, em partes do sul da Europa, na África Oriental e Austral, na América do Sul e em partes da Rússia e da China. A Califórnia teve o verão mais quente; nos finais de novembro, os incêndios florestais nos Estados Unidos estavam pelo menos 46 % acima da média de dez anos; e, em Portugal, registaram-se mais de cem mortes relacionadas com incêndios florestais. Acrescentemos ainda que o aumento das temperaturas provocou graves catástrofes na produção agrícola. Esteve na origem de fome e de dificuldades generalizadas. Adicionemos também à lista a perda da biodiversidade, especialmente nas populações de insetos, que são essenciais para os sistemas alimentares.

Em 2017, a poluição passou para primeiro plano, encarada como um problema: a poluição atmosférica nos espaços interiores e exteriores, conjuntamente, é responsável, em cada ano, por mais de um décimo de todas as mortes a nível mundial, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). É provável que a poluição atmosférica nos espaços urbanos tenda a piorar, uma vez que as migrações e as tendências demográficas impulsionam a criação de mais megacidades.

A Comissão estima que o custo total anual da poluição para a economia seja de 4,6 mil milhões de dólares, o que equivale a 6,2 % da produção.

O ano passado foi, em parte, o resultado do crescimento industrial na China, onde as ondas de calor atrás referidas levaram ao aumento de 6,3 % do consumo de energia e onde a seca extrema, no norte do país, levou à transição da produção de energia hidroelétrica para a energia a carvão. Além disto, no ano passado, o presidente dos EUA anunciou a intenção de abandonar o acordo de Paris. O relatório sublinha, portanto, o risco associado aos fatores políticos que podem afetar os esforços para mitigar as alterações climáticas.

Além de enfrentar os desafios ambientais imediatos com que deparamos, devemos também forcar-nos mais nos possíveis riscos económicos e sociais que podem surgir. Por exemplo, as alterações drásticas na forma de produzir energia podem desencadear alterações no mercado de trabalho a larga escala. As alterações económicas estruturais nos países e nas regiões afetados poderão também intensificar os riscos sociais e geopolíticos.

A CIBERDEFESA. UM ESFORÇO CRESCENTE

Passemos do tema do meio ambiente para o dos riscos cibernéticos, que se intensificaram em 2017. Os ataques estão a aumentar, tanto em prevalência quanto em potencial destrutivo.

Só em 2016, foram lançadas 357 milhões de novas variantes de malware e adquiridos trojans bancários concebidos para o roubo das informações de início de sessão nas contas, por apenas 500 milhões de dólares. A adicionar, os cibercriminosos têm um número cada vez maior — de objetivos potenciais. Os ataques distribuídos de negação de serviço (distributed denial of service — DDoS) tornaram-se comuns, tendo a respetiva frequência aumentado 140 %, só em 2016. É provável que em 2017 o objetivo médio de DDoS tenha sido atingido 32 vezes no espaço de três meses.

Os custos financeiros resultantes dos ciberataques estão a aumentar. Um estudo de 2017, feito em 254 empresas em sete países, cifrou o custo anual de resposta aos ciberataques em 11,7 milhões de libras esterlinas por empresa, um incremento de 27,4 % numa base anual. Prevê-se que, nos próximos cinco anos, o custo do cibercrime para as empresas seja de 8 biliões de dólares.

Relativamente ao tipo de ataque, os ataques de ransomware representaram 64 % de todos os e-mails maliciosos enviados entre julho e setembro do ano passado, o que afetou o dobro do número de empresas quando comparado com 2016. Exemplos notórios foram o ataque com o ransomware WannaCry, que afetou 300 000 computadores em 150 países, e o Petya e NotPetya, que causaram grandes perdas para as empresas. Por exemplo, a Merck, a FedEx e a Maersk reportaram perdas no terceiro trimestre de perto de 300 milhões de dólares, em resultado do NotPetya.

Para além do custo financeiro, o ataque WannaCry interrompeu a infraestrutura crítica e estratégica em todo o mundo, incluindo ministérios de governos, empresas de caminhos-de-ferro, bancos, operadores de telecomunicações, empresas de fornecimento de eletricidade, fabricantes de automóveis e hospitais. Há, portanto, uma tendência crescente na utilização de ciberataques para atingir infraestruturas críticas e setores industriais estratégicos, o que faz temer que,

na pior das hipóteses, os atacantes possam desencadear um colapso dos sistemas que mantêm as sociedades em funcionamento. Crê-se que muitas destas ações são financiadas por diversos Estados.

É certo que o impacte final do WannaCry foi relativamente baixo, mas é verdade também que este expôs a vulnerabilidade de um vasto leque de organizações.

A tudo isto, acrescentemos o aumento da ciberdependência, devido ao aumento da conetividade digital das pessoas, coisas e organizações. Ou seja, estamos hiperconectados, e também hipervulneráveis. Razões que convertem o ciberespaço no novo cenário de onde surgem as grandes crises globais.

"Há, portanto, uma tendência crescente na utilização de ciberataques para atingir infraestruturas críticas e setores industriais estratégicos o que faz temer que os atacantes possam desencadear um colapso dos sistemas que mantêm as sociedades em funcionamento"

CADA VEZ MAIS DESIGUAIS

Uma das conclusões mais interessantes da *Global Risks Landscape 2018* do Fórum Económico Mundial é a importância reduzida dos riscos económicos. Tal significa que se mantém a tendência observada no relatório nos últimos anos. Os riscos económicos desvaneceram-se repentinamente e foram substituídos pela preocupação, cada vez maior, com os riscos ambientais. Os últimos resultados produzem-se num momento de melhoria da economia mundial, ainda que relativamente modesta. *O Fundo Monetário Internacional (FMI)* prevê um crescimento global do PIB de 3,6 % para 2017, comparado com 3,2 %, em 2016. Verifica-se uma recuperação das principais economias, o que leva a uma forte melhoria da confiança.

Deve, no entanto, pôr-se a questão: tratar-se-á de otimismo ou de condescendência? Haverá, certamente, razões para alguma prudência: não é necessário ir muito longe para encontrar sinais de tensão económica e financeira. O ano passado trouxe novas evidências de problemas económicos crónicos, relacionados, especialmente, com os rendimentos e a desigualdade. No último *Relatório Global sobre os Salários*, a Organização Internacional do Trabalho sublinhou que o crescimento dos salários a nível global tem vindo a desacelerar desde 2012. Exigiu, entre outras coisas, uma maior utilização da negociação coletiva para reverter esta tendência. Não obstante o decréscimo da desigualdade a nível mundial, em muitos locais, as desigualdades verificadas em cada país são um problema cada vez mais corrosivo. Segundo o FMI, nas últimas três décadas, 53 % dos países assistiu a um aumento da desigualdade nos rendimentos, sendo esta tendência especialmente pronunciada nas economias avançadas. Além disso, as tensões económicas atuais poderão vir a causar problemas a longo prazo. O elevado endividamento pessoal, juntamente com poupanças e pensões desadequadas, são motivo para se esperar que as frustrações se aprofundem nos próximos anos.

A importância da desigualdade está patente no relatório quando é solicitado que os inquiridos salientem os riscos mais estreitamente interligados. A combinação mais frequentemente citada foi «consequências adversas dos avanços tecnológicos» e «desemprego elevado ou subemprego estrutural». A automatização tem vindo a ser um elemento de perturbação no mercado de trabalho, e é provável que os seus efeitos sejam duradouros à medida que as novas tecnologias se difundem na economia global. Num futuro previsível, podemos esperar que a automatização e a tecnologia digital venham a exercer pressão sobre os níveis de emprego e os salários, e a contribuir para o aumento dos rendimentos e da distribuição da riqueza pelos que já estão nas camadas mais ricas da população.

Não deveremos ficar surpreendidos se tal acontecimento tiver efeitos políticos e sociais mais abrangentes. Novamente, falamos da tecnologia e da 5.ª Revolução Industrial que nos empurram para novos cenários doe risco.

RISCO DE CONFLITOS SOCIAIS

Os confrontos relacionados com identidade e comunidade continuam a provocar movimentos políticos em muitos países, e vão cada vez mais, alimentando as tensões transfronteiriças e no interior dos Estados.

No último relatório, a polarização da sociedade caiu ligeiramente nos *rankings* dos inquéritos sobre os principais fatores subjacentes aos riscos globais — tendo sido substituídos entre os três primeiros pela crescente dependência cibernética —, mas continua a ser uma força desestabilizadora politicamente. Tal será, porventura, mais evidente no Reino Unido e nos Estados Unidos. Tanto um quanto o outro registou, em 2016, resultados democráticos dramáticos contra o *establishment*. O Reino Unido está a lutar para enfrentar as tensões causadas pelo Brexit. Nos Estados Unidos, a intensificação da polarização enfraqueceu, entre outros, o debate democrático e aumentou a confiança dos movimentos de extrema-direita.

Na Europa, os receios sobre a ascensão da extrema-direita foram mitigados pela vitória de Emmanuel Macron nas eleições presidenciais francesas de maio de 2017, mas talvez correndo o risco de fomentar a condescendência relativamente à estabilidade política da região. Tal como demonstrado pelas eleições na Alemanha e na Áustria nos finais de 2017, os partidos de extrema-direita continuam a crescer em força e influência em muitos países europeus.

Em termos mais gerais, as questões da cultura e identidade estão a causar tensão política entre um número crescente de países da União Europeia, incluindo a Polónia, a Hungria e, de diferente modo, a Espanha (obviamente com a Catalunha), embora o relatório não o explicite.

Parece que a polarização entre grupos com diferentes heranças culturais ou valores continuará a ser uma fonte de risco político nos países ocidentais em 2018, e no futuro.

EM DIREÇÃO A UM PODER CADA MAIS PERSONALIZADO

A tendência em direção a um poder cada mais personalizado ocorre no seio de uma volatilidade geopolítica crescente. A escalada dos riscos geopolíticos foi uma das tendências mais pronunciadas em 2017, especialmente na Ásia. Poderá dizer-se que, devido à crise com a Coreia do Norte, o mundo está mais próximo da possível utilização de armas nucleares do que esteve durante as últimas décadas. Há muitos outros potenciais «barris de pólvora» em todo o mundo, especialmente no Médio Oriente, onde um número cada vez maior de forças desestabilizadoras poderá espoletar novos conflitos militares, para além dos da Síria e do Iémen.

Quando no relatório se pergunta sobre as trajetórias do risco em 2018, o grau de preocupação é claro: 93 % dos inquiridos prevê para este ano o agravamento de «confrontos / crispações políticas ou económicas entre as principais potências».

Os riscos geopolíticos são agravados pela contínua diminuição do compromisso com o multilateralismo baseado em normas. Em 2017, Trump — cumpriu unilateralmente algumas das promessas de campanha, retirando os Estados Unidos tanto do *Acordo de Paris sobre as alterações climáticas* quanto do *Acordo de Associação Transpacífico*. Ainda que os Estados Unidos não se tenham retirado do acordo estabelecido para suspender o programa de armas nucleares do Irão — o Plano Integral de Ação Conjunta —, Trump assinalou a sua insatisfação ao negar-se certificar que o Irão está a cumprir o acordo.

Luis Serrano, diretor da Área de Crise na LLORENTE & CUENCA. Licenciado em Jornalismo, é um dos maiores especialistas em Espanha na gestão da comunicação em situações de emergência e catástrofes, assim como no desenvolvimento de protocolos de atuação de crise nas redes sociais. Durante 17 anos, foi chefe de imprensa do Centro de Emergências 112 da Comunidade de Madrid, onde participou ativamente no controlo de situações de relevo, tais como o atentado de Madrid de 11 de março de 2004. Já interveio em mais de 100 sinistros industriais, acidentes com múltiplas vítimas, acidentes em centros recreativos, crises sanitárias etc. Fruto das suas experiências é o livro *11M y otras catástrofes*. É autor do livro La gestión de la comunicación en emergencias. Tem também vasta experiência docente no campo da emergência e da gestão de crises. É professor do Mestrado de Urgências e Emergências da CEUTASSICA, bem como do Mestrado de Fogo da Universidade de Lleida. Fez o mestrado em Comunicação Política da Universidade Camilo José Cela, mestrado em Segurança e Emergências da Fundação Ortega y Gasset e Universidade Rei Juan Carlos, e mestrado em Emergências da Universidade de Murcial-Alebat. É ainda, há 12 anos, professor associado da Escola Nacional de Proteção Civil do Estado. Como jornalista, trabalhou durante sete anos nos serviços de informação da Onda Cero.

lserrano@llorenteycuenca.com

d+i desenvolvendo ideias
LLORENTE & CUENCA

Desenvolvendo Ideias é o Departamento de Liderança através do Conhecimento da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Porque a realidade não é preta ou branca existe **Desenvolvendo Ideias** na LLORENTE & CUENCA

www.desarrollando-ideas.com
www.revista-uno.com.br